

**DRAMÁTICAS DO USO DE SI NA DOCÊNCIA: CONSIDERAÇÕES
SOBRE A CENTRALIDADE DA/DO DOCENTE NAS INSTITUIÇÕES DE
ENSINO¹**

**DRAMATIC "USE OF SELF" IN THE TEACHERS' LABOR: REFLECTIONS
ABOUT TEACHERS' CENTRALITY IN EDUCATION INSTITUTIONS**

**DRAMÁTICAS DEL USO DE SÍ EM LA DOCENCIA: CONSIDERACIONES
A CERCA DE LA CENTRALIDAD DE LA/DEL DOCENTE EM LAS
INSTITUICIONES DE ENSEÑANZA**

Érica de Sousa Wanzerlei

Universidade Federal do Pará

ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-6558-011X>

Fátima Cristina da Costa Pessoa

Universidade Federal do Pará

ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-9967-9708>

Resumo: As reflexões sobre o trabalho docente no âmbito do projeto Linguagem/Trabalho, Práticas discursivas/atividades: a elaboração de uma abordagem ergodiscursiva têm apontado para a centralidade que a professora e o professor assumem na instituição escolar, condição para a realização da atividade docente. A continuidade dessa reflexão tem o propósito de compreender, com base na escuta das entrevistas de uma e de um docente que atuam na educação básica há mais de 15 anos, o modo como incorporam os valores relacionados a essa centralidade na avaliação que fazem sobre sua atuação profissional e sua inserção institucional. Os conceitos de prática discursiva (MAINGUENEAU, 2008) e dramática de uso de si (DURRIVE; SCHWARTZ, 2010) serão os fundamentos para, em uma articulação entre a Análise do Discurso e a Ergologia, discorrer sobre os sentidos que profissionais mobilizam sobre o trabalho docente, sentidos que fazem parte dos processos de constituição das identidades e das relações interpessoais que se estabelecem nas instituições de ensino. As entrevistas que servem à escuta da professora e do professor apontam para modos distintos de constituir sentidos coletivos ou individualizados sobre o exercício da docência, portanto para indicar dramáticas de usos de si por si e de usos de si por outros. Desse modo, as

¹ A pesquisa conta com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UFPA 2021, com o plano de trabalho intitulado Análises discursivo-ergológicas da atividade docente, desenvolvido pela bolsista Érica de Sousa Wanzerlei e orientada pela Prof.^a Dr.^a Fátima Cristina da Costa Pessoa.

articulações entre perspectivas teóricas que pensam relações entre linguagem e trabalho contribuem para a compreensão da atividade laboral e dos modos de torná-lo material pela palavra e pelas restrições semânticas que definem um posicionamento discursivo (MAINGUENEAU, 2008). A relevância dessa abordagem justifica-se no contexto da formação para o trabalho, no sentido de orientar para a oportunidades de discussões em torno das diferentes dimensões - técnicas, econômicas, políticas, éticas, afetivas - implicadas pela e na atividade docente.

Palavras-chave: Dramática do uso de si. Prática discursiva. Atividade docente.

Abstract: The teaching labor reflections is part of the project Language/Labour, Discursive Practices and Activities: an Ergo-Dialogical approach indicates the centrality that teachers assume in the teaching institution, these as necessary circumstances in order to develop their activities. The permanence reflections aim to understand how they are able to incorporate values related to this centrality and how they measure it faces to professional exercise and the institutional placement. For this, a female teacher and a male teacher were interviewed and they worked in primary education for over 15 years. According to this purpose the study is supported articulating fundamental theories between Discursive Analysis from Maingueneau (2008), that maintains the concepts of discursive practices, and Ergology (DURRIVE; SCHWARTZ, 2010) with the dramatic "use of self" concept. This theoretical base is substantial in order to figure out and discuss delivered meanings of teaching labor and identity development as well as interpersonal relationships. During interviewing those professionals were listened to and guided to think about different ways to elaborate common or individual meanings about teaching labor. Therefore, it is important to demonstrate the dramatic "use of self" for "oneself" and "for others". Thus, the connections between theories that contemplate language and labor cooperate to realize the labor activity and the ways to make it precise by means of language and semantic restrictions that define a discursive placement (MAINGUENEAU, 2008). This approach is relevant in the context of training for work, leading to opportunities of discussions in distinct directions - techniques, economics, politics, ethics, affectives - inside teaching labor.

Keywords: Dramatic "use of self". Discursive practice. Teaching activity.

Resumen: Las reflexiones acerca del trabajo docente en el ámbito del proyecto Lenguaje/ Trabajo, Prácticas discursivas/actividades: la elaboración de un abordaje ergodiscursiva presenta una centralidad que la maestra y el maestro asumen en la institución de enseñanza, condición para la realización de la actividad docente. La continuidad de esa reflexión visa comprender, con base en la escucha de entrevistas de una y de un docente que actúan en la educación básica hace más de 15 años, el modo como incorporan los valores relacionados a esa centralidad en la evaluación que hacen acerca de su actuación profesional y su inserción institucional. Los conceptos de práctica discursiva (MAINGUENEAU, 2008) y dramática del uso de sí (DURRIVE; SCHWARTZ, 2010) serán los fundamentos para, en una articulación entre el Análisis del discurso y la Ergología, discurrir sobre los sentidos que los profesionales movilizan acerca del trabajo docente, sentidos que son integrados a los procesos de constitución de las identidades y de las relaciones interpersonales que se establecen en las instituciones de enseñanza. Las entrevistas — que sirven a la escucha de la maestra y del maestro — señalan modos distintos

de construir los sentidos colectivos o individualizados sobre el ejercicio de la docencia, por lo tanto, para indicar las dramáticas de usos de sí por sí y de usos de sí por los otros. Así las articulaciones entre perspectivas teóricas que piensan relaciones entre lenguaje y trabajo contribuyen para la comprensión de la actividad laboral y de los modos de hacerlo material por la palabra y por las restricciones semánticas que definen una posición discursiva (MAINGUENEAU, 2008). La relevancia de ese abordaje se justifica en el contexto de la formación para el trabajo en el sentido de orientar para las oportunidades de discusiones alrededor de las diferentes dimensiones - técnicas, económicas, políticas, éticas, afectivas - implicadas pela y en la actividad docente.

Palabras-clave: Dramática do uso de sí. Prática discursiva. Actividad docente.

DRAMÁTICAS DO USO DE SI

A compreensão da noção ergológica dramáticas dos usos de si implica necessariamente a compreensão de outro conceito a ela relacionado, o conceito de corpo-si que trabalha, conceitos postulados por Yves Schwartz (DURRIVE; SCHWARTZ, 2010) para indicar o corpo físico, biológico, e, ao mesmo tempo, inscrito historicamente no mundo para agir e constituir, do lugar de onde faz parte, um lugar diferente por meio de suas escolhas. Trata-se de um conceito que transgride todas as fronteiras entre o biológico e o histórico e possui em si uma tríplice ancoragem:

- biológica: esse corpo dado no nascimento, com suas potencialidades e seus limites, traz uma busca de saúde ainda genérica e indeterminada;
- histórica: mediante o debate de normas (por si/por outros) que constituem a própria substância dessas dramáticas e só adquirem sentido num momento particular da história;
- singular: na experiência de vida de cada pessoa, cuja negociação de dramáticas próprias opera como agir de um corpo físico pessoal, um corpo desejante, em permanente tentativa de "composição" e de apropriação desse seu suporte de vida, a fim de responder aos encontros e provas. É no cerne desse corpo-si singular que se infiltra a relação variável de cada um com um "mundo de valores" que vai além dele, mais ou menos, a depender da pessoa. (SCHWARTZ, 2014, p. 264)

Esse corpo-si confronta o seu meio de trabalho a partir de um debate de normas que re-normalizam a atividade na qual (se) investe. A dramática, nesse processo, pode ser entendida como toda decisão atravessada no homem, por meio de escolhas que surgem no meio em que aquele corpo interage e de que participa. Cada decisão tomada é uma decisão dramática, pois cada escolha é pensada ativamente pelo corpo-si, que se utiliza de suas competências, seus valores e conhecimentos para decidir o que fazer e assim escolher. Compreende-se, portanto, a dramática como uma questão que sempre vai abranger um corpo-si em uma atividade, um corpo que vive, age e escolhe. Como Schwartz expõe em Scherer *et al* (2022, p. 4), a noção de dramáticas de uso de si “significa a sequência de debates entre, de um lado, um mundo de normas antecedentes mais ou menos coerentes entre elas e, de outro, escolhas” para a existência desse corpo que trabalha.

Um debate de normas é um processo em que o corpo-si conflitua com as normas já prescritas daquele meio, normas antecedentes que já estavam constituídas antes daquela dramática existir. E essa dramática pede desta trabalhadora e deste trabalhador uma ação imediata, não prescrita no seu trabalho, não prevista, mas que precisa ser mediada por esse corpo-si – que é composto de valores e experiências – decidindo aquilo que pode ou poderia ser feito apoiado em todos os seus recursos de memória, inteligência e competência, assim como avaliando como essa escolha vai afetar o coletivo em sua volta. A trabalhadora e o trabalhador, portanto, mobilizam seus saberes, seus valores, sua força não só por si, mas também pelos outros, ressignificando o meio, modificando esse meio do qual faz parte e o re-normalizando por meio de normas que ele julga pertinentes e necessárias na situação singular em que age.

O conceito de dramáticas de uso de si implica a importância de reconhecer o postulado ergonômico de que o trabalho real não é a reprodução exata do trabalho prescrito. Por isso, cada trabalhadora e trabalhador se deparam com dramáticas que pedem desse corpo mais

daquilo que foi estipulado, trazendo à tona arbitragens de um corpo-si que faz escolhas com o corpo e a mente. Um corpo que é singular, histórico e biológico, e que contribui para que cada atividade seja uma atividade re-normalizadora do seu meio, por isso deixa em suas escolhas os traços de si, traços que revelam a transformação do lugar em que vive e trabalha, relacionando cada decisão a um coletivo de que também faz parte.

As dramáticas de uso de si pelas quais passa o corpo-si também são afetadas pelos outros, entendidos aqui como toda a sinergia presente para que uma atividade de trabalho seja executada. Por sua vez, cada “outro” participante desse coletivo também possui a sua própria força de agir e vive dramáticas de uso de si interligadas com aqueles com quem interage. A decisão daquele que escolhe afeta esse coletivo, assim como é por ele afetado, pois cada singularidade desses corpos contribui para a configuração singular da atividade em jogo. Portanto, apropriar-se da ideia de que a re-normalização da atividade não se separa da coletividade é reconhecer que cada sujeito do trabalho faz parte de em uma ordem que se institui a partir de práticas e normas específicas, resultantes de dramáticas enfrentadas por trabalhadoras e trabalhadores.

UMA VISADA ERGODISCURSIVA

Em uma visada ergodiscursiva, reconhece-se que, se as dramáticas de uso de si se materializam nas ações que a trabalhadora e o trabalhador realizam na situação singular do trabalho, ou seja, o que fazem, como estão investidos na atividade, as dramáticas de uso de si também se materializam em processos enunciativos por meio dos quais a trabalhadora e o trabalhador realizam verbalmente o trabalho e/ou por meio dos quais (re)produzem sentidos sobre o trabalho. Entende-se que os sentidos, os valores, as normas antecedentes, as dramáticas de uso de si se constituem nas relações intersubjetivas materializadas em ações e em palavras. Assim, as dramáticas de uso de si nessa coletividade sempre se apoiarão em uma

imbricação entre as (enunci)ações articuladas, constituindo um posicionamento da trabalhadora e do trabalhador relacionados às escolhas assumidas.

Sobre isso, Pessoa e Moreira (2016) esclarecem a importância do reconhecimento da palavra enquanto materialidade da atividade do trabalho, lembrando a tensão existente entre os campos da linguagem e da atividade:

Ocupar-se do exercício enunciativo nos espaços de trabalho é situar-se no espaço de tensão já referido em que as (enunci)ações singulares confrontam-se ao contexto geral da atividade em que os sujeitos se engajam. Portanto, não se trata de modo algum de privilegiar as (enunci)ações individuais isoladamente, mas de interrogar as regularidades enunciativas determinadas pela ordem histórico-política que se atualizam a cada tomada da palavra, contribuição que a Análise do Discurso pode oferecer à compreensão das relações humanas. (PESSOA; MOREIRA, 2016, p.112)

Compreendendo-se essa indissociabilidade entre linguagem e atividade, defende-se que o conceito de prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997, 2008) aliado ao conceito de dramáticas de uso de si abrangem a tensão entre discurso e ação, relacionando os efeitos de sentido² gerados na e pela enunciação em contextos de trabalho aos processos de escolha que (re)configuram as atividades em contextos singulares, indissociáveis de um lugar histórico que afeta esse confronto remodelante da organização da qual fazem parte. Desse modo, a linguagem não só está aliada a uma cadeia de ações que ressignificam a atividade por meio de escolhas, mas fundamenta essas mesmas escolhas pelos discursos (re)produzidos naquele coletivo.

² Em uma abordagem discursiva dos fenômenos de linguagem, os sentidos são compreendidos enquanto efeitos de um processo de enunciação. Não são sentidos prévios, nem estáveis, mas efeitos da atividade de enunciação. Segundo Possenti (2002, p. 172), o sentido é "efeito da enunciação do significante em situações históricas mais ou menos precisas."

Nos coletivos de trabalho, produzem-se textos que (re)configuram, de acordo com a perspectiva da AD, comunidades discursivas:

A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de **comunidade discursiva**, isto é, o grupo ou a organização de grupos que no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, p. 56, grifos do autor)

7

Nessa perspectiva, os textos produzidos pelas comunidades discursivas são caracterizados por traços enunciativos³ que apontam regularidades discursivas entre os efeitos de sentido produzidos no trabalho e sobre o trabalho. Dessa forma, observar cada sujeito como um sujeito inscrito em uma comunidade discursiva implica compreender que essas trabalhadoras e esses trabalhadores assumem posicionamentos, como sujeitos sociohistóricos que fazem parte de um lugar e de um tempo determinados. Aderem a formações discursivas que produzem efeitos de sentido na sua situação de trabalho e sobre a sua situação de trabalho. Cada discurso assumido no/sobre o trabalho gera também efeitos em sua comunidade discursiva, efeitos que podem reorganizar a forma como essas trabalhadoras e esses trabalhadores compreendem a atividade em que se engajam, além de (re)formular a noção que têm de como trabalham.

Entender que trabalhadoras e trabalhadores (re)produzem discursos e (re)normalizam a atividade é assumir que a indissociabilidade entre a atividade e o coletivo é resultante de relações entre práticas discursivas e as dramáticas dos usos de si, das relações entre (enunci)ações.

Com base na articulação entre esses postulados ergológicos e discursivos, empreende-se uma análise sobre a atividade docente, buscando compreender que sentidos professoras e professores (re)produzem

³ De acordo com Maingueneau (1997), os traços enunciativos são marcas de uma dêixis discursiva que ancoram os efeitos de sentido gerados na e pela enunciação a cenas enunciativas tanto em sua dimensão singular (o aqui e o agora da enunciação) quanto em sua dimensão histórica (as regularidades resultantes das formações discursivas assumidas pelos enunciadores).

sobre sua inserção, como trabalhadores, nas instituições de ensino. Essa análise se realiza a partir de entrevistas concedidas por docentes, nas quais é possível considerar a atividade docente da perspectiva da trabalhadora e do trabalhador. A escuta ética e as interpretações realizadas a partir das intervenções sobre o trabalho têm permitido descrever e analisar as regularidades enunciativas que caracterizam os posicionamentos diversos assumidos por aquelas e aqueles que exercem a docência. Entre essas regularidades, tem-se discutido a noção de centralidade, recorrente no modo como as e os docentes enunciam sobre o trabalho que realizam, que ganha novos contornos na interpretação que neste artigo se propõe.

A CENTRALIDADE DO CORPO-SI NA ATIVIDADE DOCENTE

A noção de centralidade do corpo-si na atividade docente é entendida, nesta etapa da pesquisa, como um reconhecimento de relações a partir das quais a trabalhadora e o trabalhador investem-se nas dramáticas de uso de si e, conseqüentemente, fazem escolhas em confronto com as singularidades das situações de trabalho. Conforme os postulados assumidos nesta pesquisa, essa noção se materializa em ações verbais e não verbais na realização da atividade e em enunciações sobre a realização da atividade. Destacam-se os traços enunciativos que indiciam essa centralidade, em uma análise discursiva de duas entrevistas realizadas com uma professora e um professor graduados e atuantes há mais de quinze anos na Educação Básica.

Em Pessoa (2021), a entrevista F5015GB⁴ já foi objeto de análise preliminar e foi introduzida por meio de um excerto em que se destaca um posicionamento sobre o trabalho docente “que se constrói sobre o signo do

⁴ As entrevistas são referenciadas por um código que indica o gênero, a faixa etária, o tempo de atuação na docência, a formação e o nível de atuação profissional das entrevistadas e dos entrevistados.

trabalho coletivo, da luta conjunta" (PESSOA, 2021, p.153). O excerto é o que segue:

(1) F5015GB – 3m8s⁵ – então eu vejo a a a minha/a instituição a instituição que eu trabalho assim muito boa por um lado por outro lado também tem as suas seus pontos assim que **nós precisamos trabalhar melhorar e eu digo nós porque nós lutamos (...) nós temos uma luta assim bastante árdua**⁶

Já no início da entrevista, a docente constitui uma cena enunciativa cujo traço dêitico de pessoa é um "nós"/"a gente", que se refere a um coletivo bastante ampliado, que se refere às relações entre diferentes atores que constituem a comunidade escolar. Esse traço dêitico se repete ao longo da entrevista em momentos em que a docente se refere aos desafios enfrentados na instituição escolar em que atua ou ainda em momentos em que se refere ao cotidiano do trabalho docente:

(2) 24m53s – **nós** já tivemos bastante trabalho pra se chegar a isso fo/houve um percurso é de de de dificuldades e de lutas **até que a gente começou a realmente se entender** porque **nós** começamos a refletir o quê que **nós** queremos com a escola porque não é simplesmente você ir pra uma escola porque você tem uma carga horária pra cumprir e você tem um... porque você é um profissional e que você tem essa obrigatoriedade então **a gente** vê o lado do CUMPRIMENTO que é do profissional, mas **a gente** vê o lado do COMPROMISSO DO EDUCADOR (...)

Esse posicionamento coletivo direciona para uma nova compreensão acerca da noção de centralidade do trabalho docente que tem comparecido nas produções anteriores resultantes da pesquisa. Em trabalhos anteriores, a noção de centralidade foi concebida pelos traços que configuram uma dêixis espacial hierarquizada, na qual o posicionamento assumido pela e pelo docente a e o entende como o centro de uma atividade de trabalho que depende predominantemente dela e dele para

⁵ Estão indicados os minutos e segundos em que iniciam os trechos transcritos das entrevistas para a análise.

⁶ Destacam-se em negrito as passagens das transcrições que ilustram mais especificamente o argumento defendido na análise dos dados.

se realizar, conforme o excerto a seguir, já destacado em Pessoa, Costa e Soares (2019):

(3) F4010GB – 52m33s – eu acredito que...há uma necessidade de saber o que aconte/ que quem tá numa sala de aula são os professores entendeu? a relação aluno professor (inc.) a gente pode até passar para a direção as dificuldades dos alunos as nossas dificuldades né? mas eu acredito que a escola existe com um foco só existe escola (pros) alunos (inc.) o professor não dá pra/ e **os outros são apoio... o nosso apoio entendeu?**

10

Essa percepção hierarquizada da ordem institucional também permite que a e o docente assumam uma posição individualizada no investimento de si para o exercício laboral, conforme o excerto a seguir, também já destacado em Pessoa, Costa e Soares (2019) e em Pessoa (2021):

(4) M4010GB – 01m44s – por exemplo esse ano eu to dando aula em três escolas diferentes então são três cenários bem bem diferentes entendeu? uma que a escola realmente tá abandonada pelo poder público né? em termos de de todas as manutenções básicas né? tanto a a matéria-prima estrutural como a matéria-prima humana né? que é o corpo docente né? ou seja os professores deses/ desestimulados realmente por um ambiente escolar que não não tem realmente ações pedagógicas nem recursos pedagógicos pra gente poder trabalhar direito entendeu? **e a gente às vezes tem que tirar do nosso próprio bolso pra que essas situações aconteçam né? é:: projetos de ensino que fo/ meio que são assim instalados goela abaixo na gente né? pra gente tentar... é é é aplicar mas que falta todo um um conjunto de estruturas necessárias pra que ele seja realmente é:: viáveis economicamente falando e aí os professores realmente ficam naquela naquela naquela ansiedade naquela naquela FRUSTRAÇÃO de não poder realmente uti/ realizar um trabalho que seja:: que seja:: que tenha resultados que tenha resultados**

Conforme análises anteriores apoiadas nesses excertos, essa percepção hierarquizada da ordem institucional, e sua consequente individualização no investimento de si na atividade laboral, põe em movimento um circuito de afetos (SAFATLE, 2018) que gera condições desfavoráveis para a trabalhadora e o trabalhador, como os sentimentos de desestímulo, ansiedade e frustração e resultam no que Pessoa (2021)

denominou de dramática compensatória: o investimento de si para suprir as condições desfavoráveis no exercício do trabalho. Na entrevista F5015GB, no entanto, essa percepção hierarquizada nas instituições de ensino é confrontada com uma percepção mais aberta, em rede, cuja ênfase está na coletividade, nas ações coordenadas:

(5) 25m30s – **não foi IMPOSTO mas foi com/foi feito um convite vamos abraçar realmente a escola com o plano de ação então tem que ser em conjunto porque se não for em conjunto não dá certo (...)** e também é um incentivo porque quando ele vê um fazendo o trabalho aquele que não tá quase fazendo ou tá com dificuldade ele se vai se chegando e a gente vai ajudando então a gente vê um resultado porque a gente fala muito nosso discurso é **se a escola ela ela tem resultados positivos foram todos é a escola se tiver algum resultado negativo também foram todos né?** então:: não dá pra eu me empenhar sozinha ou meu colega então **temos que estar juntos então hoje chegamos nisso**

11

Essa percepção mais tentacular, entretanto, não implica um apagamento da centralidade da e do docente nas instituições de ensino, conforme sugeria a reflexão preliminar dos dados. Postula-se, a partir de uma revisão teórica e analítica, que essa percepção tentacular desloca essa noção de centralidade de uma dêixis mais individualizada/hierarquizada para uma dêixis mais ramificada, em que cada nó em uma rede é um centro de investimento de si, uma dramática de uso de si por si e pelos outros.

Na entrevista M4015GB, percebe-se uma centralidade que diverge entre uma percepção hierárquica do investimento de si e uma percepção em rede que busca uma construção coletiva nesta instituição da qual o docente faz parte. O docente inicia o seu relato fazendo um retorno ao tempo decorrido na instituição, sinalizando uma percepção coletiva instaurada a partir de uma cena enunciativa onde o traço dêitico da primeira pessoa do plural (ou seu correlato na expressão “a gente”) comparece:

(6) 14s – em relação a estrutura da escola:... física é:: ela necessita de alguns reparos de algumas (inc) de algumas adaptações na verdade mas:... dentro do contexto da onde eu trabalho que é no campo ela é: bem estruturada... porque quando eu cheguei há 2008 foi... é:: **a gente** trabalhava num barracão então quando ela foi elaborada na verdade ela foi elaborada com princípio tipicamente eleitoreiro foi constituído lá: foi uma luta mas ela tinha essa ótica (...) quando eu cheguei **nós** trabalhávamos ainda no barracão com o passar dos anos aquele barracão não tava suprimindo as nossas necessidades e tomamos uma decisão de TOMAR o prédio e não tava pronto mas como eles pararam a obra **nós** tomamos o prédio vamos tomar o prédio e eles vão ter que vim há fazer a obra e tomamos o prédio o primeiro ano foi difícil no segundo nós pedimos pra ajeitar arrumar terminar a obra e: terminou

No entanto, ao se referir ao coletivo no qual ele se insere, passa a demarcar um afastamento entre ele e os demais docentes da instituição escolar, determinando uma posição individualizada entre as dramáticas encontradas nessa ordem institucional e assumindo um posicionamento de luta individual:

(7) M4015GB – 3m45s – e até hoje eu não faço matrícula eu não vou atrás **ELES** FAZEM LÁ porque é divisa né? são divisõ/são divisas e o que acontece as pessoas ficam disputando aluno que é uma coisa que eu acho ridícula e eu já falei pra **eles** o que faz vim aluno não é o prédio... é a qualidade do ensino

A centralidade que o docente reconhece na ordem institucional em que se insere é um posicionamento que difere das encontradas até aqui. O docente se insere em uma ordem coletiva até certo ponto, mas seu posicionamento individualizado é marcado no modo como o seu signo de luta coletiva passa por uma (re)configuração dêitica de um “nós” coletivo para um “eles” que o docente distancia de si:

(8) M4015GB – 9m25s – o que é que eu percebo que às vezes os meus próprios colegas empurram problema pro ano seguinte pro ano seguinte aí quando chega no outro ano quem pega o sexto ano é que... que tem que se virar nos trinta e o que me deixa mais indignado é que: NUNca **eles** vão dizer assim olha... a criança tá do jeito que tá por causa de um

processo⁷ **eles** não vão falar isso **eles** vão falar o- pro-fe-ssor de por-tu-guês do sexto ano quem é o professor de português do sexto ano? **eles** chamam... ano passado **eles** não falaram mas como esse ano SOU EU aí vão dizer assim olha o pro-fessor de português do sexto ano o professor (...)

Além disso, as condições enfrentadas pelo docente, que entende seu papel na instituição com uma posição provocativa que gera mudança, levam a pensar numa dramática compensatória na instituição onde os sentimentos de desamparo e abandono podem ser encontrados, porém com o que reforça um sentido de desvinculação ainda presente em relação a sua comunidade:

(9) 7m55s – então por exemplo eu tô com uma sala esse ano de sexto ano... que metade da turma não sabe ler nem escrever aí eu fui com a direção da escola... apresentei o caso pra ela... ela disse a: **dê um jeito** (inc) comé que eu vou dá um jeito se eu tô pedindo ajuda? ... primeiro ponto... segundo... **não temos coordenador pedagógico** porque o que estava lá não trabalhava(...)

Constitui-se, a partir disso, um posicionamento que se (re)configura em uma nova direção, uma posição de autovalorização e, ao mesmo tempo, um autodistanciamento que indica a circulação de um corpo-si em atividade que se movimenta a partir de posicionamentos assumidos em relação a si mesmo e em relação ao coletivo de trabalho.

(10) 44m27s – outra questão por exem::plo...é::...sobre hierarquia...é sempre falo pra eles que no pccr você tem...seus direitos seus deveres e eu sempre falo pra pra...pra quem tá na na gestão do do...e eu aprendi isso porque antigamente eu tentava passar por cima das leis...achando que podia resolver os problemas acabava quebrando a cara e eu agora eu aprendi então quando há um problema eu chego diretora existia essa situação...ah mas você pode resolver! não senhora meu caso é resolver dentro da sala de aula a lei me garante isso seu caso quando extrapola a questão da...da:: da minha sala de aula já...cabe à senhora então eu tenho que participar pra senhora pra senhora TOMAR providências eu vou lhe ajudar SIM mas em compensação **não posso ultrapassar sua autoridade porque daqui a POUCO VOCÊ NÃO VAI TRABALHAR e vai**

⁷ Na transcrição dos dados, utiliza-se o sublinhado para indicar que o entrevistado faz uma autocitação ou uma heterocitação, introduzindo a voz de personagens em seu texto.

querer que eu resolva o que é competência sua...e isso incomoda porque [risos] o cara vai dizer SIM TU NÃO PODE RESOLVER? SIM:: mas a lei me garante que é você

Há, ao longo da entrevista, traços dêiticos que sempre marcam um distanciamento entre “eu” e “eles” como característica das relações subjetivas constituídas entre os sujeitos da comunidade escolar e há também a construção de uma avaliação muito presente evidenciando que essa distância se fundamenta em critérios da competência para o trabalho e do investimento de si na realização da atividade.

14

(RE)CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar o percurso argumentativo desenvolvido neste artigo, destaca-se que a escuta das entrevistas e a leitura dos excertos que foram aqui recortados pretende dar concretude aos postulados teóricos da Análise do Discurso e da Ergologia na defesa de que, em uma ordem institucional nos contextos de trabalho, em uma comunidade discursiva que nela se constitui, se concretizam dramáticas de uso de si por si e pelos outros, apoiadas nas experiências, nos valores, desejos e projetos atualizados na trabalhadora e no trabalhador que nunca cessam de gerar efeitos nas identidades dos sujeitos inseridos em um contínuo histórico.

Pode-se, então, postular, no momento, que há duas configurações para a centralidade que se entende na ordem institucional que caracteriza o trabalho docente nas instituições de ensino. A primeira é a centralidade em uma configuração hierárquica, que responsabiliza esse centro pelo funcionamento do todo, o que conduz a uma dramática compensatória. A segunda é a centralidade em uma configuração em rede, o que conduz a uma dramática emancipatória, aquela na qual o investimento de si aponta para a superação das condições desfavoráveis no exercício do trabalho em coletividade. Como essas duas configurações se articulam no modo como

professoras e professores avaliam as condições do exercício docente nas instituições de ensino é ainda uma relação complexa a desvendar.

REFERÊNCIAS

Maingueneau, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky. 3 Ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

PESSOA, F. Discursos constitutivos da atividade docente: relações entre trabalho, patrimônio e desenvolvimento. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE DE ERGOLOGIA "Trabalho, Patrimônio e Desenvolvimentos", 05, 2021, Porto (Portugal). **Anais Eletrônicos**. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da 11 Educação da Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <www.ergologia.org/uploads/1/1/4/6/11469955/livre_v_congrès.pdf>. Acesso 31 jul. 2022.

PESSOA, F.; COSTA, M.; SOARES, S. A docência e as ordens institucionais que a afetam: a constituição de uma dêixis discursiva no contexto da atividade laboral. **Desenredo**, 15(3), 2019, 387-407.

PESSOA, F.; MOREIRA, H. A enunciação nos contextos de trabalho: traços de uma ordem técnica e política. **Linguística**, 32(2), 2016, 09–24. <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20160014>.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SCHERER, M. D. A; PIRES, D. E.; PRADO, N. M. de B.; MENEZES, E. L. C. de. Contribuições da ergologia para a gestão do trabalho: entrevista com Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, [S.l.], v. 20, p. 6, 2022. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00336. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/272>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SCHWARTZ, Y. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, experiência. Tradução de Adail Sobral. **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre, vol. 49, n. 3, jul – set, 2014, p. 259 – 274.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Coord. da tradução e revisão técnica: Jussara Brito e Milton Athayde. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010.